

**“As onças de João Sebastião”:  
representações do feminino na poética de Raquel Naveira**

Grazielli Alves de Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como foco principal a figura feminina apresentada em “As onças de João Sebastião”, poema inédito da escritora sul-mato-grossense Raquel Naveira. Serão levantadas as hipóteses de leitura do referido poema que apontam para a imagem da mulher, metamorfoseada em onça, tal como se dispõe as figuras enigmáticas das telas de João Sebastião, pintor mato-grossense.

**ABSTRACT:** This article focus on the feminine figure presented in “As onças de João Sebastião”, a previously unpublished poem by the writer Raquel Naveira, from the Brazilian province of Mato Grosso do Sul. One raises the hypothesis about the reading of this poem as pointing to the woman’s image, here metamorphosed into the Brazilian panther called “onça” such as it is in João Sebastião’s figures, a painter, also from the Brazilian province of Mato Grosso do Sul.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita feminina; Ginocrítica; Raquel Naveira

**KEYMORDS:** Feminine writing; Gynocritics; Raquel Naveira

## **Introdução**

*É preciso conhecer para valorizar nossas identidades*

*(João Carlos Vicente Ferreira)*

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – área de concentração: Literatura e Práticas Culturais – Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Projeto de pesquisa: “O pantanal e o cerrado: processos interartísticos na poética de Raquel Naveira”. Contato: grazi\_alveslima@hotmail.com

A proposta que inaugura este artigo vem corroborar a citação em epígrafe. Sim, é necessário conhecer nossas origens, nossa terra, nosso povo para que saibamos valorizar mais a nossa própria identidade. Visto essa afirmativa, nos voltamos para a nossa terra, a região centro-oeste e encontramos duas figuras relevantes para as artes como um todo. De um lado, uma representante das artes literárias sul-matogrossenses: a escritora Raquel Naveira; do outro o pintor matogrossense João Sebastião Costa. A poética de Naveira, cheia de encontros com outros artistas, locais e globais, encontra a pintura de João Sebastião como alicerce para cantar as belezas de nossa terra.

Essa parceria entre pintura e literatura nasce a partir da exposição *Retina pagã* (2005) de João Sebastião Costa. Este, com apoio do Governo do Estado de Mato Grosso e parceria de Aline Figueiredo, lançou a exposição já mencionada. A proposta principal desse evento vai além da mera visualização dos quadros de Sebastião. Com o intuito de descentralizar a arte, o pintor levou esses quadros para lugares onde não havia possibilidades de se conhecer a história pictórica dos artistas locais. A partir de então, Naveira se inspirou nesse conjunto de quadros e não pode deixar de vê-los com um olhar poético, aquele olhar que se identifica com a figura metafórica de João Sebastião: a onça, símbolo emblemático da cultura centro-oeste, é figurada em suas telas com rosto e corpo de mulher.

O universo feminino tem sido tema constante de debates, leituras e críticas e, principalmente, suporte de inspiração para artistas de todas as áreas. O número de escritoras é crescente e a proposta destas, de caráter extremamente relevante, tem figurado no eixo que expõe os sentimentos mais profundos do *locus* feminino. Nesse sentido, o presente artigo propõe analisar as figuras emblemáticas e femininas encontradas em “As onças de João Sebastião” (poema não publicado) da escritora Raquel Naveira.

## 1. Escrita feminina: Raquel Naveira

*A mulher por dentro da burca,  
Espia o mundo  
Por uma janela quadriculada,  
Vê sem ser vista,  
Boca calada.*

*(Raquel Naveira)*

A quebra de paradigmas no campo literário há muito vem somar com a proposta de uma vertente feminina de leitura e de escrita. A mulher, antes reprimida, *boca calada* e submissa aos ditames de uma sociedade patriarcal, agora olha além da *janela* que lhe prendia; alcança *o mundo*. A figura feminina de algumas sociedades aos poucos se liberta da categoria de mulher-objeto e ganha voz, poder de decisão e imposição, mesmo de dentro de suas *burcas*.

São várias as escritoras que têm utilizado a palavra para fazer valer suas ideias, para se revelar diante de um público acostumado com o retrato de mulheres submissas, que *espiam o mundo por uma janela*. Essas mulheres tomam voz e o poder da palavra, que durante séculos preponderou na mão de homens. Segundo a crítica feminista,

Ao centrar-se genuinamente na mulher, configurando-se como corrente crítica independente e intelectualmente coerente, a ginocrítica coloca-se numa postura de oposição às tendências que continuaram a alimentar-se da tradição crítica androcêntrica, do “discurso dos mestres”, numa espécie de revisionismo, que no fim, torna-se uma homenagem. (ZOLIN, 2009, p.229).

Ao buscar em meu *locus* uma representante que configure essa escrita feminina, encontro na poética de Raquel Naveira o retrato que valoriza além da identidade da mulher sul-mato-grossense. Em suas obras a mulher é uma de suas personagens principais, que ora aparece

em poemas épicos, religiosos ora aparece retratada em meio a figuras regionais, ou descrita em imagens inspiradas em quadros de pintores locais e universais. Contudo, a maior parte das mulheres de Naveira é retratada como figuras fortes, emblemáticas, que com garra e voz proclamam sua liberdade.

Em “Bugras”, poema do livro *Fonte luminosa* (1990), há uma imagem da mulher, simbolizada pela figura indígena, muito forte, ligada à metamorfose da índia com animal, figurando esta a um estereótipo de *mulher selvagem*.

“BUGRAS”

As índias bugras  
Caminham pela 14  
Com aquele ar selvagem  
De potrancas,  
Os cabelos lisos e longos como crinas,  
O remexer musculoso das ancas.  
Carregam na cabeça  
Latas de avencas  
Colhidas nas barrancas,  
Cajus de castanhas duras  
Como bicos de pássaros,  
Desprende-se delas  
Um perfume de frutas maduras,  
De seixos rolados,  
De plumagens vermelhas,  
Como se a primavera  
Fizesse ninho dentro delas.  
(NAVEIRA, 1990, p. 26).

Em *Guerra entre irmãos* (1993) a escritora traz uma coletânea de poemas sobre a Guerra do Paraguai que são dispostos cronologicamente de acordo com a sequência de fatos, tal como a guerra aconteceu. Entre

as várias figuras retratadas por Naveira, está a esposa de Solano Lopes, *Elisa Lynch*, mulher que enterra o corpo do marido e do filho após serem mortos na guerra, uma figura poeticamente descrita como à frente de seu tempo, que por amor a um paraguaio (ela que era europeia), passa por cima de qualquer valor ou padrão imposto por uma sociedade extremamente patriarcal, conforme observamos no trecho do poema,

“MADAME LYNCH”

Por que me condenam?  
Porque fui adúltera,  
Segui um homem,  
Uma aventura,  
Para um continente morno e desconhecido?

Por que me condenam?  
Pela minha beleza,  
Meus olhos azuis,  
Meus cabelos de fogo  
Onde refulgem tiras de princesa?  
(NAVEIRA, 1993, p. 19)

Nessa esteira de pensamento, podemos ainda citar a coletânea de poemas *Senhora* (1999). A obra, como o próprio título já diz, é repleta de poemas que tem como voz maior a figura feminina. Aqui, as mulheres são retratadas em diferentes culturas tais como a portuguesa, a egípcia, entre outras. Além disso, um outro foco da escritora é exposto nesta obra: a relação de sua literatura com abordagens pictóricas. O poema “Dalila” (inspirado no quadro Sansão e Dalila, de Rubens) mostra uma narrativa onde a mulher é o ser que seduz, que prende e domina, jamais submisso às vontades de um homem.

Tentara prender Sansão  
Com cordas de nervos,  
Frescas e úmidas,

Com fios urdidos no seu tear de intrigas,  
E agora,  
Ei-lo ali,  
Adormecido,  
O torso curvado de paixão  
Sobre seus joelhos.

Dalila sorri,  
Segura as rédeas,  
A crina,  
Mechas de cabelo  
Do homem que ela domina.  
(NAVEIRA, 1999, p.72-73)

Em *Portão de ferro* (2006), última obra produzida até então pela escritora, um dos poemas direciona um olhar para as mulheres ainda silenciadas, escondidas em suas burcas, tal como vimos na citação que inaugura este texto.

Há uma mulher por dentro da burca,  
Estranha veste que envolve o corpo  
Como um capuz  
Um casulo,  
Um enorme grão,  
[...]  
A mulher por dentro da burca  
É um vulcão,  
Em suas mãos,  
Em sua nuca,  
Escorre lava quente;  
Gota de fogo é o seu coração.  
(NAVEIRA, 2006, p.17)

Raquel Naveira tem proporcionado aos leitores de sua poética

uma leitura em que a mulher ganha voz e o homem deixa de ser o centro da ordem e do poder. Parafraseando Virginia Woolf, “para escrever um grande romance, é necessário à escritora, ao se defrontar com uma ‘situação’, mais que roçar superfícies, ‘mergulhar o olhar até as profundezas’” (WOOLF apud ZOLIN, 2009, p.223). Nesse sentido, apontamos que Raquel Naveira tem *mergulhado profundamente* para mostrar um olhar que revela a mulher-sujeito, aquela que detém seu poder de decisão, de dominação e de imposição (ZOLIN, 2009, p.219).

## 2. Representações do feminino: uma sucinta análise do poema

### “AS ONÇAS DE JOÃO SEBASTIÃO”

Tive uma visão:  
Era uma floresta  
Imersa na escuridão,  
Dela saíam,  
Leves e mansas,  
As onças de João Sebastião.

Senti medo  
E fascínio,  
Eram belas como esfinges,  
Estranhas panteras,  
Loucas feras  
Azuis e amarelas  
Brotando do chão.

Havia uma onça  
Saindo do poço,  
Salpicada de segredo e silêncio,  
Observava os sulcos  
Da lavoura de algodão.

Onças entalhadas em pedras,  
Em moringas,  
Em sarcófagos,  
Escapando pela boca de um vulcão.

Onças que com suas garras  
Seguravam rosas,  
Espremiam cajus  
Em forma de coração.

Uma onça  
Mergulhou no rio,  
Na confluência das águas  
Do Cuiabá e do Coxipó  
E deslizou como um cisne  
Branco e só.

Tive uma visão  
Que penetrou como lança  
Em minha retina pagã:  
A casta guerreira  
De onças aladas  
Que voam  
Na livre imaginação  
De João Sebastião.

Conforme podemos observar, o título do poema faz menção ao nome de João Sebastião. Poderíamos relacionar este nome meramente a um personagem de Naveira, mas a leitura do texto cita inúmeros símbolos associados à narrativa pictórica de João Sebastião Costa, pintor mato-grossense, além de o próprio poema fazer referência a exposição do artista: *Que penetrou como lança / Em minha retina pagã.*

Dessa forma, podemos associar a leitura imanente da poética de Naveira às telas emblemáticas de Sebastião.

A figura da onça é a metáfora maior de toda a poética aqui apresentada. Essa primeira visão do texto nos propõe algumas hipóteses de interpretação. Os primeiros versos mostram figuras imersas na escuridão, que saem dessa condição *mansas; domesticadas*, caminhando lentamente. Essas figuras mansas são reveladas na segunda estrofe: “Belas como esfinges”. Na Grécia antiga, *esfinge*, segundo o dicionário Aurélio (2005), é um monstro com rosto e busto de mulher, corpo leonino, asas e cauda de dragão, que propunha um enigma aos viajantes. Aqui, as esfinges são onças e na poética de Raquel Naveira não apresentam asas e cauda, mas se compararmos os versos com a imagem de João Sebastião, encontramos o retrato da esfinge poética de Naveira.

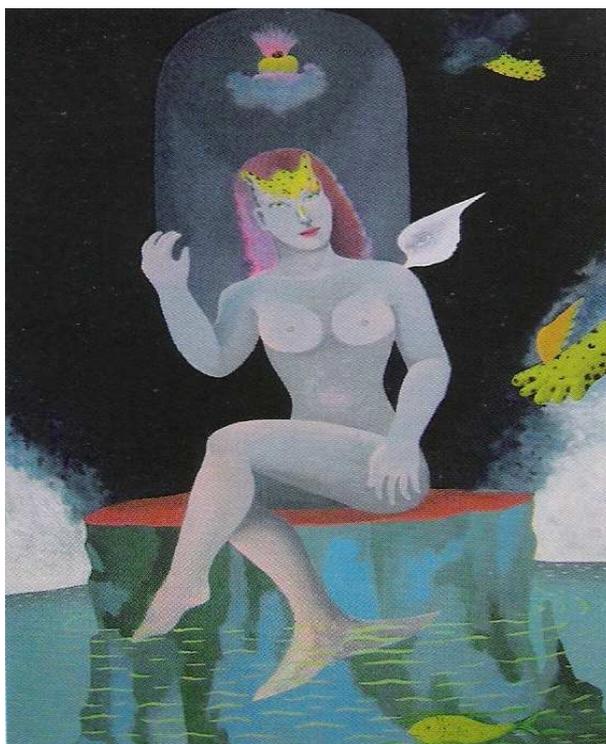


Figura 1 – COSTA, *A Sensação Pagã*, 2005.

Supomos então, que as figuras da poética são femininas pela teia de metáforas e símbolos do feminino dispostos no poema. Na terceira estrofe, o eu lírico aponta que há *uma onça saindo do poço*.

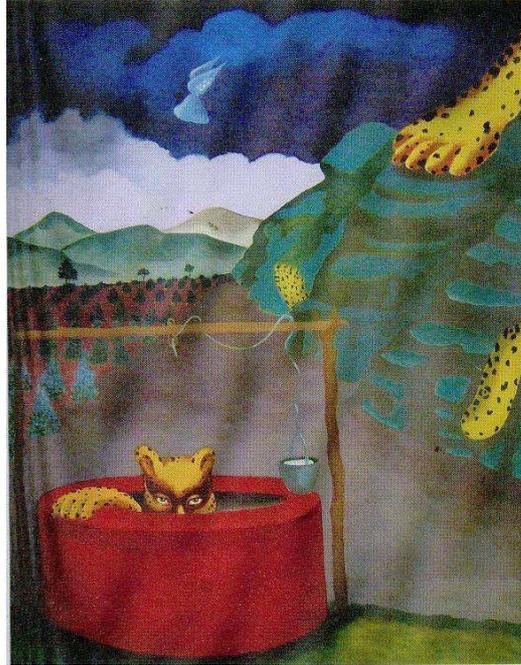


Figura 2 – COSTA, *O poço da lavoura de algodão*, 2005.

Uma vez que associo as onças como metáfora do feminino, levo em consideração que as figuras retratadas parecem estar *se libertando* aos poucos. Mas a estrofe seguinte revela que ainda há uma resistência por parte dessas mulheres/onças, que não permitem essa libertação total: são *onças entalhadas em pedras*. Os versos seguintes revelam a força, a garra e a vontade de vencer obstáculos aliados ao romantismo simbolizado pela rosa e pelo coração.

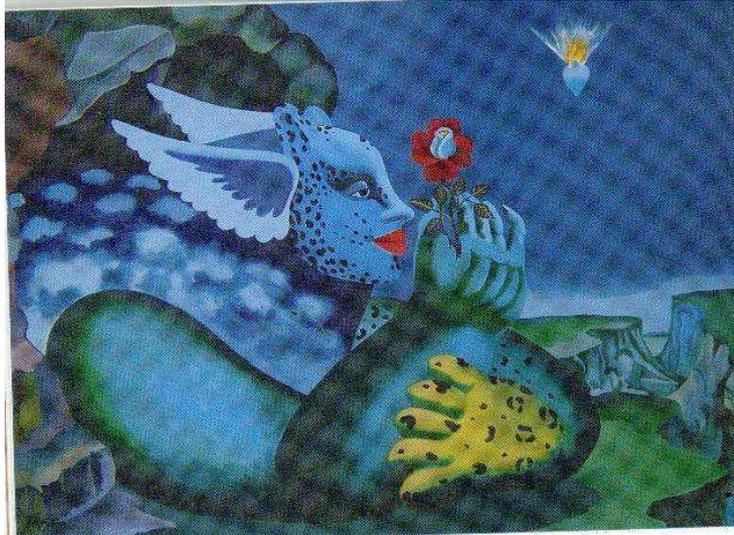


Figura 3 – COSTA, *Figura do templário*, 2005.

O poema, em geral, apresenta muitos aspectos relevantes; trata-se de símbolos que revelam figuras femininas, mas também seres diaspóricos, uma vez que a todo o momento constata-se que essas onças se veem forçadas a sair do seu *locus*. Os versos, inspirados na coletânea de quadros da exposição *Retina pagã* (2005), dialogam muito com a proposta de João Sebastião Costa, uma vez que também em suas telas a onça é retratada como símbolo para dizer além das imagens.

Couto (2007), em *Os pincéis kafkianos de João Sebastião Costa* aponta que o pintor retrata em suas telas a recuperação da identidade cultural de Mato Grosso, por isso a escolha da onça como ícone regional. Além disso, segundo Couto, “a onça é o animal emblemático que o pintor transfere para o papel de protagonista (...) portadora do status híbrido da natureza feito animal humano ou homem/mulher animal” (COUTO, 2007, p. 37). Essas características pictóricas são ressaltadas quando comparamos as telas com a poética de Naveira. As figuras de João Sebastião são extremamente femininas, o que corrobora a nossa leitura inicial.

João Sebastião utiliza os mesmos símbolos citados por Raquel Naveira unidos a outros: as asas simbolizam a liberdade dos seres e o caju, figura em cone, segundo João Sebastião (COSTA, 2005, s/p.), é o

símbolo da vagina. Nessa perspectiva, tanto a narrativa poética quanto a pictórica se aliam para dizer o mesmo: a condição da mulher na sociedade atual. O poema de Naveira levanta as imagens das telas de João Sebastião com um olhar voltado para o feminino. Assim, há uma mescla da etapa feminina e feminista, pois parafraseando Barzotto (2008) “a etapa feminina ainda carrega o sentimento de culpa da mulher, ainda desalojada de seu ‘eu’, já a etapa feminista enaltece o caráter de luta da mesma contestando os ditames patriarcais” (BARZOTTO, p. 194). Essas etapas do texto de autoria feminina são acentuadas na medida em que comparamos as telas com as imagens construídas no texto. Raquel Naveira é uma “voz por detrás das letras” (BARZOTTO, p. 193), que utiliza o texto como ferramenta de sua denúncia, enquanto mulher, enquanto escritora.

### **Considerações finais**

*O maravilhoso é sempre belo,  
todo o maravilhoso,  
seja o que for, é belo,  
e inclusive devemos dizer  
que somente o maravilhoso é belo.  
E, no espírito, sem a intervenção do consciente,  
está o maravilhoso,  
isto é, a supra-realidade,  
a verdadeira comunicação.  
O irreal é tão verdadeiro quanto o real  
e nada existe de inadmissível  
(COSTA, 2005, s/p.).*

O maravilhoso mundo relatado por João Sebastião Costa é referente às suas telas. Esse maravilhoso que alia o símbolo ao real conflui na poética de Naveira e as imagens poéticas revelam o universo feminino. Aliás, essas imagens dizem muito mais: falam de seres

híbridos, diaspóricos, revelam culturas e dizeres, mostram a identidade de um povo, mesclado por crenças e mitos.

Portanto, essa parceria (literatura e pintura) proporciona um amplo leque de significações. A poesia, repleta de imagens, reforça a ideia das telas. Esses artistas, ambos locais, usam a sua criatividade para falar do que é nosso, para denunciar uma estrutura social falha, e levam ao nosso próprio conhecimento as marcas, as riquezas e a identidade desse chão.

### **Referências bibliográficas**

BARZOTTO, Leoné Astride. “O universo feminino revelado nos contos de Marina Colasanti” In *Revista Línguas & Letras*, 2008. p.189-200.

COSTA, João Sebastião. *Retina pagã*. Cuiabá, MT: Ed. UFMT, 2005.

COUTO, Alda Maria Quadros do. “Os pincéis kafkianos de João Sebastião”. *Revista Raído*. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD, n. 2 Dourados, MS: Ed. UFGD, 2009, p. 33-56.

NAVEIRA, Raquel. *Fonte luminosa*. São Paulo: Massao Ohno, 1990.

\_\_\_\_\_. *Guerra entre irmãos*. Sergraph, 1993.

\_\_\_\_\_. *Senhora*. São Paulo, SP: Escrituras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Portão de ferro*. Escrituras, 2006.

ZOLIN, Lúcia. “Crítica feminista.” In BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia (org.) *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p.217-242.

ZOLIN, Lúcia. “Literatura de autoria feminina.” In BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia (org.) *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p.327-336.